

AGRICULTURA EM SÃO PAULO

- ANO 1976 -

A análise global dos 26 principais produtos da agricultura paulista, no ano agrícola 1975/76, permite avaliar um decréscimo do valor bruto da produção, em relação de 1974/75 de -2,51% em termos reais (quadro 1). Subtraindo-se o café, esta taxa torna-se positiva, alcançando 7,21%, evidenciado mais uma vez a importância da rubiãcea para a economia agrícola do Estado. Exclusivamente em termos físicos, ou seja, considerando somente a variação quantitativa da produção entre 1974/75 e 1975/76, a preços de 1974/75, a agricultura paulista apresenta um decréscimo de -2,03%. Também aqui esta variação negativa é devida ao café, uma vez que quando se exclui este produto, esta taxa passa a 11,99%.

As secas e geadas que prejudicavam sensivelmente as culturas perenes e pastagens em 1975 propiciaram a expansão de cultivos, inclusive intercalares, o que de certo modo explica a grande expansão do volume físico acima apontado. Paralelamente deve-se notar o grande incremento na produção de cana-de-açúcar, não só face ao reduzido volume colhido em 1975, prejudicado que foi pelas geadas, mas também pela grande ampliação do plantio que se verificou naquele ano.

Os 20 produtos vegetais apresentam entre esses dois anos um acréscimo de 2,38% na renda propiciada; excluindo-se o café, essa taxa passa a 21,44%. Além do crescimento físico verificado na produção vegetal da agricultura paulista em 1976, contribuíram também para este resultado os preços de alguns produtos como cana-de-açúcar, laranja, tomate, feijão, batata, mandioca e, obviamente, café, que apresentaram uma evolução superior ao índice geral de preços.

A renda bruta proporcionada pelos produtos de origem animal, em número de 6, apresenta uma redução de -10,95% em relação à 1974/75, redução essa devida quase que totalmente a queda dos seus preços reais.

Quanto a importância relativa do valor gerado pelos diferentes produtos, verifica-se que, pela primeira vez, a cana-de-açúcar ocupa o primeiro lugar, seguida por carne bovina e leite. O café, que em 1974/75 ocupava o 19º lugar, passa ao 4º em 1975/76, com uma produção 73% menor que no ano anterior, assim mesmo participando com 8,11% no valor do produto agrícola face aos elevados preços alcançados. Somando cana-de-açúcar (16,67%), carne bovina (12,31%), aves e ovos (10,87%), leite (8,26%) e milho (7,61%), tem-se um total de 55,72% do valor produzido pelo setor.

QUADRO 1. - Estimativas de Produção, Preço e Valor Bruto da Agricultura Paulista, 1974/75 e 1975/76

Produto	Quantidade (1.000t)		Preço (Cr\$/unidade)			Valor corrente (Cr\$ 1.000)		Valor real em Cr\$ 1.000, de 1975 ⁽²⁾
	1974/75	1975/76 ⁽¹⁾	1974/75	1975/76	Unidade	1974/75	1975/76 ⁽¹⁾	
Cana-de-açúcar	38.100,0	50.100,0	80,53	115,08	tonelada	3.068.193	5.765.508	4.081.126
Carne bovina	466,9 ⁽³⁾	456,3	125,00	140,00	arroba	3.890.833	4.258.800	3.014.600
Leite (milhões de litros)	1.506,0	1.536,8	1,43	1,86	litro	2.153.580	2.858.448	2.023.358
Cafê	420,0	112,2	590,00	1.500,00	sc.60kg	4.130.000	2.805.000	1.985.525
Milho	2.100,0	2.724,0	48,00	58,00	sc.60kg	1.680.000	2.633.201	1.863.917
Ovos (milhões de dúzias)	442,0	445,0	3,31	4,80	dúzia	1.463.020	2.136.000	1.511.972
Algodão	489,6	332,4	36,00	80,00	arroba	1.175.040	1.772.800	1.254.880
Aves para corte	240,0	250,0	4,94	6,50	quilograma	1.185.600	1.625.000	1.150.260
Soja	678,0	765,0	83,00	110,00	sc.60kg	937.900	1.402.500	992.762
Arroz	510,0	840,0	130,00	100,00	sc.60kg	1.105.000	1.400.000	990.993
Laranja	3.488,0	3.984,0	8,00	12,00	sc.40kg	697.600	1.195.200	846.025
Tomate	560,8	546,8	960,00	2.060,00	tonelada	538.368	1.126.408	797.330
Feijão	109,2	139,7	180,00	443,00	sc.60kg	327.600	1.031.452	730.115
Batata	423,0	397,2	74,70	128,00	sc.60kg	526.635	847.360	599.805
Amendoim	262,5	331,1	44,00	51,00	sc.25kg	462.000	675.444	478.114
Carne suína	65,9	72,1	102,75	120,00	arroba	451.415	576.800	408.289
Mandioca	720,0	610,0	271,00	700,00	tonelada	195.120	427.000	302.253
Uva de mesa	112,8	124,9	16,50	27,00	cx.8kg	232.650	421.538	298.386
Trigo	62,9	161,0	100,20	127,80	sc.60kg	105.043	342.930	242.744
Banana	529,7	585,8	450,00	580,00	tonelada	238.365	339.764	240.503
Cebola	99,0	133,5	93,40	105,00	sc.45kg	205.480	311.500	220.496
Tangerina	505,6	573,8	10,00	14,00	cx.40kg	126.400	200.830	142.158
Limão	368,0	363,9	10,00	20,00	cx.40kg	92.000	181.950	128.794
Casulo	5,0	5,5	15,00	26,00	quilograma	75.000	143.000	101.223
Mamona	37,0	27,0	0,95	2,40	quilograma	35.150	64.800	45.869
Chã verde	27,8	27,7	0,70	1,80	quilograma	19.460	49.860	35.293
Valor da produção (26 produtos) (crescimento real = -2,51%)						25.117.452	34.593.093	24.486.790
Valor total da produção sem café (26 produtos) (crescimento real = 7,21%)						20.987.452	31.788.093	22.501.265
Valor total da produção de origem vegetal (20 produtos) (crescimento real = 2,38%)						15.898.004	22.995.045	16.277.089
Valor total da produção de origem vegetal sem café (19 produtos) (crescimento real = 21,44%)						11.768.004	20.190.045	14.291.564
Valor total da produção de origem animal (6 produtos) (crescimento real = -10,95%)						9.219.448	11.598.048	8.209.701
Valor total da produção a preços de 1974/75 (crescimento físico = -2,03%)						25.117.452	24.607.551	-

⁽¹⁾ Estimativa preliminar para produtos de origem animal.

⁽²⁾ Deflator estimado em função da variação do índice "2" da Conjuntura Econômica, médias anuais de 1975 e de 1976 (0,707852).

⁽³⁾ Dado retificado.

Fonte: Instituto de Economia Agrícola.

Desses produtos somente a cana-de-açúcar (33,01%), milho (10,95%) e ovos (3,35%) apresentaram ganhos de renda; ponderáveis aumentos são ainda registrados por trigo (131,09%), feijão (122,87%), chã (81,36%), mandioca (54,91%), tomate (48,10%), limão (40,00%), casulo (34,96%), mamona (30,50%), uva de mesa (28,26%), laranja (21,28%), batata (13,89%) e tangerina (12,47%). Entre os que aparecem com perda de valor em termos reais, destacam-se: café (-51,92%), carne bovina (-22,52%) e arroz (-10,32%).

Globalmente, a produção agrícola do ano é avaliada em mais de 34 bilhões de cruzeiros, 37,73% acima do que foi estimado em 1974/75. Tal resultado, em cruzeiro de 1975, corresponde a cerca de 24 bilhões de cruzeiros. Os produtos vegetais respondem por 66,47% desse total, e os animais pelos 33,53% restantes.

Assinale-se, finalmente, que o deflator utilizado foi estimado em 0,707852, a partir da variação das médias anuais do Índice "2" de Conjuntura Econômica referentes a 1975 e 1976.

- Algodão

A última estimativa da atual safra estadunidense (10,2 milhões de fardos), que indicou um acréscimo superior a 350 mil fardos em relação a estimativa anterior, não deverá afetar a tendência de alta que vem se verificando desde 1975.

Em 1975/76, pelo quarto ano consecutivo houve retração na área cultivada com algodão no Estado de São Paulo, que atingiu 223,3 mil hectares. Neste último ano, a queda na área em relação ao ano anterior foi a mais drástica da série (-39,3%). A produção obtida foi de 332,4 mil toneladas, comparadas com as 489,6 mil de 1974/75.

A produção de algodão em pluma da região meridional, em 1975/76, foi estimada em 240,0 mil toneladas, ou seja, uma diminuição de 34,0% em confronto com a anterior, sendo que a fibra teve sua qualidade prejudicada pelo excesso de chuvas.

O preço médio de Cr\$ 80,00/arroba, estimado para 1975/76, foi considerado bastante satisfatório, quando confrontado com o de 1974/75, que foi de Cr\$ 36,00/arroba.

No mercado disponível da Bolsa de Mercadorias de São Paulo, a tendência de alta verificada em 1975 prosseguiu até outubro de 1976, resultando em um preço médio anual do tipo 5 paulista 135,7% superior ao do ano anterior.

As exportações de algodão em pluma pelo Porto de Santos, em 1976, somaram 16.196 toneladas, representando um declínio de 78% em relação ao ano de 1975.

Os preços favoráveis observados em 1976, o nível do preço mínimo e a perspectiva de boa comercialização em 1977, levaram a um substancial acréscimo de

área cultivada, tanto em São Paulo como nos demais estados da região meridional . Mesmo assim, acredita-se que o aumento estimado não compense a queda verificada no último ano.

- Amendoim

Em 1975/76 a produção brasileira de amendoim foi de 513.887 toneladas , 16,6% superior a de 1974/75.

A produção paulista de amendoim das águas alcançou 254,3 mil toneladas, apresentando um decréscimo de 6,9% em relação ao ano anterior.

O preço médio de amendoim em casca no Estado de São Paulo, no decorrer de 1976, foi de Cr\$ 51,00/sc.de 25 kg, 15,9% superior ao do ano de 1975, em valores correntes. Em valores reais, isto significa um decréscimo de 18,00%.

A exportação brasileira de amendoim em grão, no período janeiro-novembro de 1976, foi de 24.489 toneladas, apresentando um decréscimo de 55% em relação a igual período do ano anterior.

Quanto ao óleo de amendoim em bruto, foram exportadas 96.622 toneladas de janeiro a novembro de 1976, 152% a mais que em 1975.

As exportações de farelo e torta de amendoim atingiram 86.437 toneladas de janeiro a novembro de 1976, 150% superior a igual período do ano anterior.

Para possibilitar maior escoamento do óleo de amendoim, o Governo Federal fixou a alíquota de 7% de IPI para efeito de cálculo de incentivos às operações de exportação, a vigorar de 20 de janeiro a 31 de dezembro de 1976, o que concorreu para o grande volume exportado no ano.

- Arroz

O Brasil tem estimado a sua produção, de 1975/76, em 9.560.389 toneladas, 26,8% superior ao ano anterior, quando a colheita foi de 7.537.589 toneladas. Além dos preços vigentes na safra 1974/75 estimularem o incremento da área cultivada, as excelentes condições climáticas reinantes no período favoreceram o desenvolvimento da cultura, resultando na super-produção do ano. O Rio Grande do Sul (arroz irrigado), foi o principal produtor do País com 1.850.000 t (8,8% superior a 1974/75), enquanto Mato Grosso (arroz de sequeiro) constituiu-se no segundo grande produtor, com 1.626.828 toneladas (62,2% superior a 1974/75). Goiás (1.319.458 t), Paraná (1.088.822 t), Minas Gerais (962.118 t), Maranhão (953.071 t) e São Paulo (840.000 t) também foram regiões de destaque na cultura.

O preço médio anual recebido pelo produtor paulista situou-se em Cr\$ 100,00/saco de 60kg de arroz em casca, cerca de 33% inferior ao ano anterior em valores correntes.

Na capital paulista não houve problema algum de distribuição do produto, situando-se os estoques em níveis dificilmente atingidos anteriormente. O arroz de sequeiro, principalmente, foi o responsável pelo abastecimento do mercado até o mês de agosto, quando na falta de grãos mais finos, o agulhinha do Rio Grande do Sul passou a contar com a preferência do consumidor.

O preço de varejo na cidade de São Paulo manteve-se durante todo o ano praticamente sem alteração, com a média anual de Cr\$ 5,18/kg.

Dado o volume disponível, estima-se que o Brasil tenha exportado, em 1975, cerca de 140.000 toneladas do produto para o Mercado Comum Europeu, enquanto 20.148 toneladas de quebrados foram escoados para outros destinos.

- Feijão

A produção total nacional de feijão, obtida no ano agrícola 1975/76, foi estimado em 1.842.262 toneladas e, não obstante tenha apresentado um decréscimo de 18,9% em relação ao ano anterior (2.271.000t), proporcionou retornos considerados compensadores aos agricultores pelo elevado nível de preço. A grande sensibilidade da cultura a adversidades climáticas e problemas fitossanitários foi a responsável por variações no rendimento das lavouras, refletidas na quebra de produção.

A safra das águas apresentou um volume de 962.452 toneladas, 16,9% inferior ao obtido no mesmo período em 1974/75 (1.158.726 t). O Estado do Paraná, principal representante dessa safra, colheu 494.610 toneladas, enquanto o Rio Grande do Sul, ocupando o segundo lugar, obteve 105.300 toneladas e Minas Gerais 95.226 toneladas. Nos demais estados, dados os inconvenientes mencionados, a situação não foi muito diferente. Essa frustração de safra - inclusive devido a seca ocorrida em Irecê (Bahia), importante centro produtor do Nordeste - aliada aos baixos estoques do ano anterior, restringiu a oferta no mercado, atingindo os preços a níveis elevados desde o início do ano.

Essas circunstâncias estimularam o produtor ao plantio da seca, cuja produção, no entanto, foi de apenas 879.810 toneladas, cerca de 20,9% inferior a 1974/75 (1.112.021 toneladas), dada a persistência de clima desfavorável e a incidência de pragas e moléstias. O principal produtor dessa safra foi o Estado de Minas Gerais com 170.649 toneladas, seguido pelo Paraná (93.195 t), São Paulo (93.000 t), Goiás (91.164 t) e Ceará (82.800 t).

Em meados de julho, em virtude dos reduzidos remanescentes e dos altos retornos obtidos, foi realizado o plantio de inverno (temporão) que, coincidente com condições pouco convenientes ao desenvolvimento da planta, deu um rendimento muito baixo, sendo o montante obtido praticamente consumido na própria zona produtora.

O preço médio anual (1976) recebido pelo produtor paulista situou-se em Cr\$ 443,00/saco de 60kg, 146% superior ao de 1975, em termos correntes.

Na cidade de São Paulo, apesar da intensificação da demanda por parte dos compradores da região Nordeste durante todo o ano, não se verificaram problemas sérios no atendimento do consumidor, não obstante os preços figurassem em níveis elevados. O roxinho (oriundo de Minas Gerais e Goiás) foi um dos tipos mais comercializados no atacado paulistano, sustentando o mercado juntamente com o rosinha, até a entrada do produto novo das safras das águas de 1976/77. Com apenas uma safra (seca) e a grande demanda pelos consumidores, teve o roxinho as suas cotações figurando entre as mais altas, atingindo o nível máximo de Cr\$ 960,00/sc.de 60kg no decorrer de novembro, quando os estoques nas regiões produtoras já se encontravam bastante escassos.

No varejo da capital os preços médios mensais acompanharam de certa forma as elevações do atacado, situando a média anual de 1976 em Cr\$ 13,21/kg.

O feijão preto foi o único que requereu do Governo medidas especiais e que resultaram na importação do produto, sobretudo do México e do Chile, e ainda assim para atender principalmente ao abastecimento do Grande Rio, que dificilmente consome os tipos de cores. O tabelamento, fixado em meados de junho, vigorou no decorrer do segundo semestre de 1976.

- Tomate

Em consequência das adversidades climáticas ocorridas em 1975, os tomaticultores da região Sul do Estado não ampliaram seus plantios em 1976, causando redução na oferta no primeiro semestre e provocando, assim, elevação dos preços.

Quanto ao tomate de mesa, a ocorrência de granizo e fortes chuvas em agosto e setembro, nas regiões de Campinas e Sorocaba, provocaram queda na oferta do produto, fazendo com que as cotações continuassem se elevando mesmo em época de safra e só a partir de outubro os preços voltassem a sofrer retração.

O preço médio ponderado de tomate, em 1976, foi de Cr\$ 81,12/cx. contra Cr\$ 58,67/cx. em 1975, calculados em cruzeiro de 1976.

Para o tomate rasteiro, durante os meses de maio e junho anormalidades climáticas (temperatura baixa, chuva, alta umidade relativa e pouca insolação), nas re-

giões produtoras de Presidente Prudente e Araçatuba, favoreceram o aparecimento de "Phytophthora infestans", causando a doença conhecida como requeima, provocando significativa quebra de produção.

Devido a estes fatores, os preços pagos pelos remanescentes da safra sofreram sucessivos reajustes de Cr\$ 0,55/kg para Cr\$ 0,60/kg e Cr\$ 0,70/kg em julho, valor este que se estabilizou até o final da colheita.

Mesmo com os novos replantios realizados após estes incidentes, em meados de setembro as fábricas estavam trabalhando com elevada capacidade ociosa. Conquanto houvesse possibilidade de atendimento do mercado interno, os excedentes do produto diminuíram consideravelmente em 1976.

Segundo a previsão final de safra do IEA, a produção para este ano, alcançou 250 mil toneladas.

Quanto a exportação de extrato de tomate pelo Porto de Santos, o total de 4.245 toneladas anual representa um decréscimo de 23% em confronto com 1975.

- Milho

Em abril de 1976 a produção nacional de milho era prevista em 19 a 20 milhões de toneladas, para o ano agrícola 1975/76. Em consequência da prolongada estiagem que assolou a região Nordeste do País, em maio de 1976 as estimativas passaram a registrar uma produção de 17,9 milhões de toneladas e, em novembro, a décima estimativa da FIBGE-CEPAGRO situou a produção nacional em 17,8 milhões de toneladas, contra 16,3 milhões de toneladas no ano anterior.

A produção paranaense na safra 1975/76 foi de aproximadamente 4,7 milhões de toneladas em uma área de 2,2 milhões de hectares. Em relação a 1974/75, a cultura registrou um aumento de produtividade, passando de 2.049 kg/ha para 2.136 kg/ha em 1975/76.

Em São Paulo, a produção na safra 1975/76 foi de 2,7 milhões de toneladas em uma área de 1.250.000 ha (1.106.000 ha em 1974/75), acusando um rendimento de 2.179 kg/ha que, comparado ao baixo rendimento obtido ao ano anterior (1.899 kg/ha), dá um acréscimo em torno de 13%.

Os preços recebidos pelos produtores paulistas, em 1976, em termos reais, foram inferiores aos do período anterior em cerca de 14,5%, enquanto que, em valores correntes, houve acréscimo da ordem de 20,8%.

De agosto a dezembro, a comercialização do milho apresentou-se com um ritmo relativamente lento, devido a utilização dos estoques por parte de exportadores e industriais de rações.

Os preços médios no mercado atacadista de São Paulo estiveram em baixa nos primeiros três meses do ano, estabilizando-se em abril/maio e apresentando-se em alta a partir de junho, em parte devido a escassez do produto na região Nordeste do País, em consequência da seca.

As exportações brasileiras do produto, segundo a Associação Nacional dos Exportadores de Cereais (ANEC), totalizaram, até 31/12/76, um volume de 1.435.800 toneladas, das quais 1.033.600 toneladas foram escoadas pelo Porto de Paranaguá e 402.200 toneladas pelo de Santos. Em relação a 1975 houve um incremento no volume exportado da ordem de 400.000 toneladas.

Embora 1976 tenha sido um ano relativamente bom para a cultura do milho, apresentando bons preços de comercialização e tendo um preço mínimo de Cr\$ 63,60/sc. de 60kg, fixado para a safra 1976/77, considerado satisfatório pela maioria dos agricultores, estes deram maior atenção a outras culturas competitivas, como é o caso de algodão, soja e mamona, que também apresentaram boas perspectivas de mercado. Com base no segundo levantamento de intenção de plantio, efetuado pelo IEA-CATI em novembro de 1976, a área cultivada com milho deverá permanecer praticamente inalterada no Estado de São Paulo. No Paraná também a área deverá ser a mesma do ano anterior.

- Pecuária de Corte

O mercado de carne em São Paulo apresentou-se fraco no início do ano. Nas principais regiões de engorda do Estado, a arroba do boi gordo esteve cotada, em janeiro, a Cr\$ 130,00. Nos meses subsequentes houve alta nos preços, atingindo a arroba Cr\$ 140,00. Em junho verificou-se nova alta, chegando os preços a Cr\$ 150,00, acentuando-se então uma tendência altista nas cotações do produto. Contudo, com a proibição de se comercializar carne fresca nos principais centros consumidores, em agosto os preços da arroba se estabilizaram em torno dos Cr\$ 170,00, assim permanecendo até o final do ano, quando foi liberada a carne fresca para a comercialização.

No varejo o preço médio ponderado por quilo variou durante o ano entre Cr\$ 16,40 a Cr\$ 17,67 nos açougues e Cr\$ 15,51 a Cr\$ 16,70 nos supermercados da Grande São Paulo.

Quanto as exportações de carne bovina pelo Porto de Santos, foram embarcadas 14.956 toneladas de carne congelada, aproximadamente 49% a mais que em 1975 (10.025 toneladas).

Quanto ao produto industrializado foram exportadas 38.568 toneladas, 41% a mais que durante 1975 (27.421 toneladas).

Com vistas a situação do mercado internacional de carnes, é de se esperar

que a curto prazo as possibilidades de exportação de carne bovina "in natura" do Brasil sejam bastante restritas, enquanto que a carne bovina industrializada pode sofrer acréscimos mais significativos nas exportações.

- Pecuária Leiteira

Embora a produção de leite no Estado de São Paulo, em 1976, tenha superado a do ano anterior, o desempenho da pecuária leiteira não foi favorável no decorrer do ano. Inclusive no primeiro semestre de 1976 a produção paulista foi inferior a de 1975, levando assim o Governo a autorizar a reidratação de leite em abril, quando no ano anterior essa medida só fora autorizada em junho.

Aparentemente, a causa principal dessa situação é o baixo preço recebido pelo produtor no primeiro semestre de 1976, que, em termos reais, foi 14% inferior ao recebido em 1975.

Em 1976, os produtores de leite da Região Centro-Sul tiveram dois reajustes de preços. O primeiro, concedido em abril, elevou o preço do leite tipo C de Cr\$ 1,60 para Cr\$ 1,70/litro, reajuste esse que provocou insatisfação entre os produtores, que esperavam uma equiparação com o preço de agosto de 1975, ou seja, elevação para Cr\$ 2,00/litro, no mínimo. O segundo reajuste, em vigor a partir de agosto, elevou o preço de Cr\$ 1,70 para Cr\$ 2,10 e embora o aumento tenha sido em proporção maior que o anterior, o novo nível era 10% inferior ao do correspondente mês do ano anterior.

Com relação, ainda, a Portaria de agosto (SUPER nº 43), deve-se mencionar que desde que a mesma começou a vigorar, iniciou-se um movimento de protesto por parte da população do interior, prejudicada com o diferencial de preço estabelecido. Com efeito, o artigo 2º da referida Portaria estabelece o preço de Cr\$ 2,10/litro para o produtor que destina o leite à Grande São Paulo, enquanto que o artigo 3º o fixa em Cr\$ 1,30 quando o produto é consumido no próprio município. Este diferencial de preços (Cr\$ 0,20/litro) estaria induzindo os produtores a entregar o leite para o abastecimento da Grande São Paulo, provocando, assim, a escassez em várias cidades do interior de São Paulo.

A fim de suprir a falta de leite no período de entressafra, o Governo pretendia estocar, em 1976, mais de 20 mil toneladas de leite em pó. Todavia, devido a imprevistos surgidos na liberação de verbas, só foi possível estocar 9 mil toneladas, o que levou o País a importar um volume superior a 12 mil toneladas do produto para atender as necessidades de consumo.

Os dados de distribuição de leite na Grande São Paulo refletem a situação

desfavorável do setor em 1976. Com efeito, enquanto houve um crescimento de quase 20% na distribuição do produto em 1975 em relação ao ano anterior, em 1976 houve uma diminuição da ordem de 2% no total distribuído em relação a 1975, percentual esse que se torna mais elevado (5%) quando a comparação é feita entre o mês de dezembro desses dois anos.

Convém salientar que essa retração só não foi ainda maior graças ao aumento na distribuição do leite B, superior a 40% em 1976, em contraposição a diminuição verificada no volume de leite C, da ordem de 13%.

No plano internacional, deve ser mencionado que a produção leiteira, em 1976, superou a do ano anterior e as perspectivas são de que a mesma continue crescendo em 1977; aumentando assim as preocupações dos países da Europa Ocidental que mantêm elevados estoques de derivados lácteos.

- Soja

A produção brasileira de soja, em 1975/76, foi de 11,2 milhões de toneladas, de acordo com dados finais da FIBGE. Isto significa um acréscimo de 13,5% em relação a safra anterior.

O Rio Grande do Sul continua como o principal estado produtor, respondendo por 46% do total, seguido do Paraná com 39% e São Paulo com 7%.

A comercialização externa da safra 1975/76 foi semelhante a anterior, cabendo sua determinação ao Comitê da Soja, criado junto à CACEX, que distribuiu quotas entre cooperativas, indústrias e outros exportadores. Às cooperativas couberam 20 milhões de toneladas do produto em grão e à indústria de óleo o correspondente a 10% do volume industrializado, cabendo o restante aos demais exportadores.

O volume efetivamente exportado de soja pelo Brasil em 1976 (até novembro) foi de 3,6 milhões de toneladas, ou seja, 15,4% superior ao escoado no mesmo período do ano anterior. Para o farelo e óleo as cifras foram, respectivamente, de 4,1 milhões de toneladas (+45,7%) e 423 mil toneladas (+75,9%).

O Governo Federal, ao início da comercialização, com o propósito de incrementar as exportações brasileiras, adotou um mecanismo de redução do preço-base para cálculo da alíquota de ICM do produto exportado, medida essa que vigorou até 30 de junho. Concomitantemente, a desvalorização periódica da moeda nacional contribuiu para a expansão das exportações.

Os preços recebidos pelos produtores, a exemplo dos internacionais, apresentaram-se em elevação a partir de maio, quando estavam ao redor de Cr\$ 84,00/sc. de 60kg, chegando a Cr\$ 152,60 em novembro de 1976. A redução na produção de soja

- Sementes

As sementes comercializadas na safra 1976/77 apresentaram, no geral, boas características de qualidade, à exceção das sementes de soja e algodão, cujo poder germinativo foi inferior ao registrado no ano anterior. Isso justifica o fato da área cultivada não crescer na mesma proporção do incremento das vendas.

Acrêscimos nas vendas foram verificados para as sementes de algodão (70,8%), soja (64,7%), feijão de mesa (18,8%) e amendoim (6,1%); decréscimo para arroz (-30,0%), milho híbrido (-7,0%) e milho variedade (-32,2%).

CESTA DE MERCADO

A finalidade da cesta de mercado é acompanhar a evolução do gasto mensal de uma família paulistana de renda e tamanhos médios (4,3 pessoas), com base no estudo "Orçamentos Familiares na Cidade de São Paulo", 1971-72, elaborado pelo Instituto de Pesquisas Econômicas (IPE) da Universidade de São Paulo ⁽¹⁾. Os dados de preços de 72 produtos alimentícios, a nível de varejo, são levantamentos diariamente pelo Instituto de Economia Agrícola, de uma amostra representativa dos equipamentos varejistas, abrangendo 94 feiras-livres, 99 supermercados, 41 empórios, 100 quitandas e 41 açougues, localizados em 30 sub-distritos do Distrito de São Paulo.

A taxa acumulada de elevação dos gastos, com base no valor da cesta de mercado de dezembro de 1975, atingiu o nível de 37,3% em dezembro de 1976, superando a taxa observada entre os meses de dezembro de 1974 e dezembro de 1975, da ordem de 31,1% (quadros 2 e 3).

Como se constata no quadro 3, confirmou-se a observação de que as taxas mensais de elevação dos gastos com alimentação nos meses do primeiro semestre de 1976 foram maiores do que as taxas mensais correspondentes aos meses do primeiro semestre de 1975. No segundo semestre, as taxas mensais foram maiores em 1975.

Nota-se, ainda pelo quadro 3, que a taxa acumulada de variação, no período compreendido entre os meses de dezembro de 1975 e dezembro de 1976, das despesas

⁽¹⁾ Em 1971/72, a renda per capita estimada para o município de São Paulo foi de Cr\$ 429,55/mês, totalizando a renda média da família paulistana Cr\$ 1.847,06, em cruzeiros de janeiro/fevereiro de 1972.

nos Estados Unidos e a prolongada seca na Europa foram, ao lado da redução na fabricação de farinha de peixe no Peru, as principais causas do fortalecimento do mercado mundial.

FATORES DE PRODUÇÃO

- Fertilizantes

As importações de fertilizantes e matérias-primas pelos vários portos brasileiros, no período de janeiro-novembro de 1976, atingiram 4.644.331 toneladas. Desse total, os fertilizantes participaram com cerca de 57% e as matérias-primas com 43%. Essas estatísticas, se confrontadas com as de 1975, confirmam as previsões referidas em relatórios anteriores, do grande incremento da produção nacional baseada em matéria-prima de origem externa, uma vez que em 1975 as importações de fertilizantes atingiram a 67% e as matérias-primas 33%.

No período janeiro a dezembro de 1976 o índice de preços correntes cresceu 21,6% e o de preços reais caiu 17,2%. Em termos médios anuais, os preços correntes, em 1976, apresentaram incremento de 6,9% e o preço real, decréscimo de 24,5% sobre 1975.

Como nessa análise não se considerou o subsídio aos preços de fertilizantes, a simples retirada deste deverá representar uma elevação nos preços pagos pelo produtor, nos próximos meses. Esse fato é ainda agravado pela atual situação de incerteza do mercado, com o movimento de importação quase que paralizado e consequente redução dos estoques estratégicos que normalmente são formados nessa época.

- Tratores

As entregas aos revendedores da indústria brasileira de tratores de 4 rodas, no ano de 1976, foi superior as do ano passado em cerca de 8%. Contudo, se se considerar que há grande estoque em poder do revendedor, esse acréscimo nas vendas não deve ir além de 5%. Aliás, algumas indústrias adotaram o sistema de férias coletivas, como meio de minimisar os estoques.

Há uma tendência de diminuir a produção em 1977, inicialmente prevista como idêntica à de 1976.

com produtos de origem animal (18,8%) foi inferior à que se observou de dezembro de 1974 a dezembro de 1975 (24,4%). Por outro lado, para os gêneros alimentícios de origem vegetal a taxa acumulada de variação nos últimos doze meses (47,9%) superou a taxa correspondente ao período de dezembro de 1974 a dezembro de 1975 (35,3%).

No que se refere aos produtos de alimentação básicos, o custo total desses gêneros para a família paulistana média, em dezembro de 1976, atingiu o valor de Cr\$ 873,20, contra Cr\$ 630,38 em dezembro de 1975. Isto significa uma elevação, nos últimos doze meses, de 38,5% para esse conjunto de produtos (quadro 4).

Tomando-se por base os preços no varejo, na cidade de São Paulo, em dezembro de 1975, os produtos que sofreram maiores elevações, nos últimos doze meses, foram feijão (152,7%), café (99,6%), tomate (97,9%), batata (83,3%) e açúcar (78,4%), enquanto que os produtos que apresentaram menores taxas de elevação foram banana nãica (-6,0%), arroz (-1,1%), carne bovina (1,7%) e outros tubérculos (3,0%).

Em termos anuais, através do quadro 5, verifica-se que, em relação a 1975, o custo da alimentação no domicílio, para a família paulistana média, sofreu uma elevação da ordem de 42,2% no ano de 1976. Considerando-se apenas os produtos de origem animal nota-se, em 1976, uma elevação de 25,3%, enquanto que para os gastos com gêneros alimentícios de origem vegetal o aumento constatado em 1976 foi de 52,1%.

Neste número é publicada não só a série de preços médios mensais no varejo, na cidade de São Paulo, produto por produto, de dezembro de 1975 a dezembro de 1976, mas também volta-se a divulgar a série de índices simples desses preços.

CRÉDITO RURAL

1976 foi um ano "jornalístico" para o crédito rural. De fato, o tema permaneceu em debate ao longo de todo o período, sob as mais diversas razões. Afirmou-se que os desvios na aplicação dos recursos contratados eram muito elevados, permitindo especulações no mercado monetário, com grandes lucros. A indústria produtora de bens para a agricultura, particularmente a de máquinas e equipamentos, reivindicou maiores recursos para o crédito rural ao longo de todo o ano, sob a alegação de que os disponíveis não eram suficientes para atender a demanda. Especulou-se sobre a escassez de recursos para o crédito rural e a consequente dificuldade para tomada de novos empréstimos face ao objetivo governamental de manter, em apenas 25% a

expansão dos meios de pagamento. Falou-se muito sobre as exigências de reciprocidade realizadas pelos bancos. Durante toda a celebração, os que menos se fizeram ouvir foram os maiores interessados: os agricultores, que continuaram, com as mesmas dificuldades, a obter os recursos financeiros necessários às suas atividades.

Agora, as primeiras estimativas do valor dos financiamentos contratados em 1976 vêm mostrar o quanto se especulou no ano findo. De fato, estes números apontam para um montante de Cr\$ 141 bilhões, o que indicaria um crescimento nominal de 58% em relação ao ano anterior, o que, em termos reais, representa um acréscimo nominal de 13%, bem superior, portanto, ao esperado. Desse total, Cr\$ 50 bilhões (35%) foram comprometidos com o custeio da produção, Cr\$ 53 bilhões (38%) com os investimentos e Cr\$ 38 bilhões (27%) com a comercialização. Em 1975, esta distribuição foi bastante diversa, uma vez que dos Cr\$ 89 bilhões contratados naquele ano, 44% destinaram-se ao custeio da produção, 32% aos investimentos e 25% à comercialização. Em outras palavras, estes números significam que enquanto o valor dos contratos de financiamentos para o custeio da produção apresentaram um decréscimo, em 1976, de 9,0% em valores reais, os destinados aos investimentos cresceram 36% e os de comercialização 23%.

Enquanto o crescimento da participação do valor dos contratos de comercialização pode ser debitado à conta dos bancos comerciais, que possuem uma tração especial por aplicações nessa finalidade, não são pelo mais rápido giro desses recursos mas também pela maior rentabilidade de algumas dessas operações, a evolução verificada no valor dos contratos de investimento se deve fundamentalmente à política governamental, que a tem estimulado, quer através de programas especiais, quer por meio da alocação específica de recursos para esse tipo de aplicação.

QUADRO 2. - Variações Percentuais da Cesta de Mercado, São Paulo, 1976

Mês	Variação em relação a		
	Mês anterior	Dez. 1975	Mesmo mês de 1975
Jan.	3,4	3,4	35,6
Fev.	5,8	9,4	42,3
Mar.	2,8	12,6	42,8
Abr.	2,3	15,2	42,6
Mai.	4,9	20,9	47,3
Jun.	1,1	22,2	47,1
Jul.	1,5	24,1	45,0
Ago.	5,6	31,0	43,5
Set.	2,7	34,5	42,2
Out.	0,8	35,6	41,2
Nov.	1,8	38,0	40,5
Dez.	-0,5	37,3	37,3

Fonte: Instituto de Economia Agrícola.

QUADRO 3. - Variações Percentuais dos Custos de Alimentação e Produtos de Origem Vegetal e Animal e do Total da Cesta de Mercado, São Paulo, 1975-76

Mês	Produtos de origem vegetal		Produtos de origem animal		Total	
	1975	1976	1975	1976	1975	1976
Jan.	2,3	4,0	4,0	2,4	2,9	3,4
Fev.	-0,3	9,1	2,7	0,3	0,9	5,8
Mar.	2,8	2,3	2,4	4,4	2,6	2,8
Abr.	3,5	4,0	0,3	-0,9	2,2	2,3
Mai.	1,3	7,1	2,3	0,6	1,6	4,9
Jun.	1,1	1,8	1,5	-0,2	1,3	1,1
Jul.	4,2	1,6	1,0	1,2	2,9	1,5
Ago.	10,4	5,1	0,6	6,6	6,6	5,6
Set.	7,8	3,3	-3,7	1,4	3,6	2,7
Out.	1,9	0,7	0,7	1,0	1,5	0,8
Nov.	1,0	2,0	8,9	1,4	2,3	1,8
Dez.	-0,4	-1,0	5,9	0,5	1,8	-0,5
Variação acumulada	35,3	47,9	24,4	18,8	31,1	37,3

Fonte: Instituto de Economia Agrícola.

QUADRO 4. - Evolução da Despesa Familiar com Produtos Alimentícios Básicos, 1975-76

Produto básico	Preço		Despesa		Variação percentual Dez. 1975/1976 (%)
	Dez. 1976 (Cr\$)	Dez. 1975 (Cr\$)	Dez. 1976 (Cr\$)	Dez. 1975 (Cr\$)	
Açúcar	3,80	2,13	41,32	23,16	78,4
Arroz	5,27	5,33	87,41	88,35	-1,1
Banana nanica	4,85	5,16	23,69	25,20	-6,0
Batata	4,49	2,45	36,88	20,12	83,3
Cafê	21,95	11,00	106,78	53,51	99,6
Carne bovina	17,06	16,78	159,33	156,72	1,7
Cebola	6,02	4,67	13,84	10,74	28,9
Feijão	17,16	6,79	111,25	44,02	152,7
Laranja	5,63	4,02	15,61	32,57	40,0
Leite C	2,60	2,00	68,43	52,64	30,0
Macarrão	4,95	4,03	18,17	14,79	22,9
Óleo de amendoim	12,90	8,56	17,83	11,83	50,7
Ovos	6,95	5,12	43,99	32,41	35,7
Pão bengala	2,00	1,50	59,06	44,30	33,3
Tomate	5,66	2,86	39,61	20,02	97,9
Total			873,20	630,38	38,5

Fonte: Instituto de Economia Agrícola.

QUADRO 5. - Cesta de Mercado, Cidade de São Paulo, Variação da Despesa Familiar com Alimentação no Domicílio, 1975/76

Período	Variação percentual da despesa		
	Produtos de origem animal (%)	Produtos de origem vegetal (%)	Total (%)
Jan./75 - Jan./76	27,4	40,7	35,6
Fev./75 - Fev./76	24,6	53,7	42,3
Mar./75 - Mar./76	26,9	53,1	42,8
Abr./75 - Abr./76	24,0	54,2	42,6
Mai./75 - Mai./76	22,0	63,2	47,3
Jun./75 - Jun./76	19,9	64,2	47,1
Jul./75 - Jul./76	20,2	60,2	45,0
Ago./75 - Ago./76	27,3	52,6	43,5
Set./75 - Set./76	34,2	46,1	42,2
Out./75 - Out./76	34,4	44,6	41,2
Nov./75 - Nov./76	25,3	48,8	40,5
Dez./75 - Dez./76	18,8	47,9	37,3
1975/76	25,3	52,1	42,2

Fonte: Instituto de Economia Agrícola.